

EDITORIAL

O momento é muito oportuno para a ampliação da discussão sobre a biodiversidade em nosso País e no planeta. Ao final da conferência do clima em Paris em 2015 (COP-21), metas para a contenção da temperatura em 2°C foram desenhadas e acordadas, sendo que o papel da agropecuária no controle deste aumento tornou-se claro e perceptível para os interlocutores.

O Brasil é uma grande potência na produção de alimentos. Desde há muitas décadas e principalmente a partir dos anos 70, tem sido inovador no uso de insumos e técnicas de cultivo que reduzem em muito a degradação das terras, além do expressivo aumento de produtividade por área cultivada. O acesso ao alimento aumentou e o preço da cesta básica caiu pela metade desde a década de 70, permitindo a melhoria de programas sociais no País e eliminando a desnutrição das classes mais pobres. A expectativa de vida cresceu mais de dez anos desde então, e a disponibilidade e o acesso ao alimento em quantidade e qualidade está entre os fatores que beneficiaram este aumento.

O Código Florestal trouxe um grande avanço no esforço para a preservação das matas e florestas e na manutenção da biodiversidade. Isso não significa que não tenhamos que prosseguir com as inovações e vigiar o ambiente, com foco em sua proteção. Mas muito ainda tem que ser feito para prover alimentos em um planeta em crescimento, cuja população em 2050 pode chegar a nove bilhões de pessoas segundo estimativas. A Agricultura de Baixo Carbono, modelo utilizado no Brasil que adota o aumento da produtividade e a adoção de técnicas conservacionistas, como o plantio direto, tem sido mencionada como uma alternativa para a redução das emissões de acordo com as metas do COP-21. A expectativa é que as ações da Coalizão Brasil Clima, Agricultura e Florestas reduzam em 23% as emissões em 2030, com o aumento em oito milhões de hectares, colocando quase 80% da produção de alimentos do País nesta tecnologia.

Iniciativas conjuntas dos setores governamentais e privados visando à produção de alimento, preservação da biodiversidade e redução da emissão de gases de efeito estufa tornam-se, agora, essenciais para a sobrevivência das futuras gerações. A quebra de paradigmas e preconceitos, e a necessidade de diálogo e decisões com maturidade entre gestores, cientistas e empresários devem ser os grandes movimentos para a preservação das espécies.

A urgência nas ações de preservação bem como o amplo entendimento do setor privado de que temos que contribuir neste desafio de sobrevivência, alimentar as pessoas enquanto se preserva o meio ambiente, fez com que a companhia para qual trabalho, Syngenta, que faz parte de uma coalisão global de empresas com foco na

EDITORIAL

preservação e sustentabilidade, apresentasse um compromisso público denominado *The Good Growth Plan*, Plano de Agricultura Sustentável, que tem metas específicas a serem atingidas até 2020, e está baseado em três grandes pilares:

- **Mais alimento, menos desperdício** - Aumentar a produtividade média das principais culturas do mundo (como soja, cana, milho, tomate e café) em 20% sem usar mais terra, água ou insumos;
- **Mais biodiversidade, menos degradação** - Melhorar a fertilidade de dez milhões de hectares de terras cultiváveis à beira da degradação. - Aumentar a biodiversidade em cinco milhões de hectares de terras cultiváveis;
- **Mais saúde, menos pobreza** - Ajudar 20 milhões de pequenos agricultores a aumentar a produtividade em 50%. - Treinar 20 milhões de trabalhadores rurais em segurança do trabalho, especialmente em países em desenvolvimento. - Promover condições justas de trabalho em toda a cadeia de fornecedores.

Quando tratamos de sustentabilidade e da preservação do planeta, nenhuma boa ação política poder ser tomada sem apoiar-se na ciência. Esse é um tema que exige dados científicos de alta complexidade e conhecimento integrado entre diversos níveis de ecossistemas, suas inter-relações e interações de cadeia alimentar ao menos em curto e médio prazo. Ainda que esses dados sejam escassos, sempre que disponíveis são ricos e poderosos para sustentar as decisões a serem tomadas.

Um exemplo oportuno é relativo ao pilar “mais biodiversidade e menos degradação” do Plano de Agricultura Sustentável da Syngenta. Nele, vários projetos de pesquisa têm sido desenvolvidos na América Latina. No Brasil, a pesquisa tem como objetivo estudar a biodiversidade por meio dos especialistas e pesquisadores no País, buscando ou desenvolvendo informações necessárias para o aumento da biodiversidade.

Este número especial da revista *Revinter* é uma coletânea destas pesquisas e faz parte do nosso esforço conjunto. Mais do que rico, no mais amplo sentido desta palavra, este trabalho também inclui as relações humanas, apresentando resultados que já estão sendo transformados em pilotos e projetos de larga escala no ecossistema de Mata Atlântica.

O Código Florestal Brasileiro pôde, por este estudo multidisciplinar, provar que é uma medida excepcional para proteção e aumento da biodiversidade, mesmo em

EDITORIAL

áreas onde exista agricultura moderna, intensiva e conservacionista. A publicação deste número da REVINTER é vitorioso também por tratar-se da realização de vários cientistas, que hoje compartilham e trocam experiências enriquecedoras para seus trabalhos,

Para mim, é um resultado que dá ainda mais ânimo para caminhar, sabendo que as lições aqui aprendidas são válidas para atuarmos de forma colaborativa para a preservação do planeta e das futuras gerações. Sentimos que estamos deixando conhecimento e aprendizado. Tudo isso é muito belo. É um sentimento de estar criando uma obra de arte a muitas mãos.

**Rosemarie de S.O. Rodrigues – Eng Agr., MSc., PhD em Ecologia
Diretora da área regulatória e stewardship da Syngenta Proteção de
Cultivos Ltda.**

São Paulo, 27 de Janeiro de 2016